



QUANDO EU ERA MENINO

Alexandre de Brito Alves

 Pedro & João
editores



QUANDO EU ERA MENINO



Pedro & João
editores

ALEXANDRE DE BRITO ALVES

QUANDO EU ERA MENINO



Pedro & João
editores

Copyright © Alexandre de Brito Alves

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Alexandre de Brito Alves

Quando eu era menino. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025.
55p. 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-1957-8 [Impresso]
978-65-265-1958-5 [Digital]

1. Memórias. 2. Infância. 3. Brincadeiras. 4. Menino. I. Título.

CDD – 800

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil);
Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil);
Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello
(UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela
Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol
Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís
Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2025

SUMÁRIO

- 11 APRESENTAÇÃO
- 13 PREFÁCIO
- 17 CAPÍTULO I
O videogame
- 19 CAPÍTULO II
O primeiro carrinho
- 21 CAPÍTULO III
A Esconde e esconde
- 23 CAPÍTULO IV
O primo, bom de briga!
- 27 CAPÍTULO V
O goleiro da turminha
- 29 CAPÍTULO VI
A casa do Finado Raul
- 31 CAPÍTULO VII
Falcão e sua espingarda

- 33 CAPÍTULO VIII
 A Gangue do Silas
- 37 CAPÍTULO IX
 O Quintal de casa
- 39 CAPÍTULO X
 A brincadeira de cano
- 41 CAPÍTULO XI
 A primeira televisão preto e branco
- 43 CAPÍTULO XII
 Os desenhos animados
- 45 CAPÍTULO XIII
 O ataque às torres gêmeas
- 47 CAPÍTULO XIV
 Os banhos no rio Caeté
- 51 CAPÍTULO XV
 A pedrada no Leleu
- 53 CAPÍTULO XVI
 Não era mais menino
- 55 SOBRE O AUTOR

O SEGREDO MAR

Eu era menino,
Já faz um tempo,
O mar até parecia brinquedo

Era costume em Urumajó meus amigos e eu
Acariciar as faces traquinas das águas marinhas.

É que gostávamos
Porque o mar também era menino
E se punha a crescer.

Toda criança
Algum dia já sonhou ser grande
Assim eram os barrancos.

Tínhamos a impressão de que o mar,
Por mais que crescesse,
Jamais seria maior que as ribanceiras.

Víamos sempre o mar teimoso
Raspando as encostas
Querendo derramar.

Bonita cena aquela:

– O mar cheio de si querendo transbordar

Um dia, porém, acordamos velhos

E por não entender seu segredo,

Passamos a praguejar o mar,

É que nunca soubemos o que fazer

Para preencher e exaurir

De nós mesmos.

O odiávamos sobretudo,

Porque nós, que havíamos crescido e envelhecido

Sempre estivemos vazios.

Gabriel Pacheco, poeta paraense.

APRESENTAÇÃO

Quando eu era menino é um livro de memórias que recorta um pouco da infância do autor. De alguma maneira ele (o pequeno livro) é continuidade ou descontinuidade de outros dois livros escritos sobre o mesmo período, quais sejam: “Reminiscências da Rua 13 de Maio” e “Lembranças da Primeira Infância”. Que você, ilustre leitor, possa mergulhar nas páginas vindouras no cerne das interessantes histórias e memórias de uma infância marcada por brincadeiras e peraltices.

Bragança, 28 de dezembro de 2024.

Alexandre Alves

PREFÁCIO

Peço às crianças que me perdoem por dedicar este livro a um adulto. Eu tenho uma desculpa séria: este adulto é o melhor amigo que eu tenho no mundo. Tenho outra desculpa: este adulto pode entender tudo, até livros para crianças. Tenho uma terceira desculpa: ele mora na França, onde tem fome e frio. Ele precisa ser consolado. Se todas essas desculpas não são suficientes, então eu quero dedicar este livro à criança que este adulto já foi. Todos os adultos eram crianças primeiro (Mas poucos deles se lembram dela). Então eu corrijo minha dedicatória: Para Léon Werth, Quando ele era criança.
O pequeno príncipe. Antoine de Saint-Exupéry

Tomando como ponto de partida o texto do escritor francês Saint-Exupéry, autor entre outro, do livro pequeno príncipe, cuja dedicatória é feita a seu grande amigo Léon Werth; todo adulto já foi criança um dia, mas pelo fato de poucas delas recordar de maneira nítida essa fase da vida, minha intuição é que nossas memórias precisam ser instigadas através da arte. Foi precisamente isso que senti ao ler os originais de Alexandre Alves, eles funcionaram como ponte entre o mundo das suas próprias vivências e as minhas.

A despeito disso, entendo que é demasiado difícil escrever um livro de memórias da infância para um

mundo onde esse modelo de vivências pueris não existem mais; locadoras de videogame onde as crianças ficavam por horas e horas no correr do dia, vaquinha entre os amigos para permanecer jogando por mais de tempo, são exemplos que só cabem mesmo nas memórias das crianças de outrora, posto que as de hoje, residem em um mundo completamente diferente e acelerado pelo excesso de tecnologia da informação.

O caso do primeiro carrinho (jipe) perdido é emblemático, todos guardamos na lembrança o brinquedo que mais nos encantou, no geral fora aquele cuja durabilidade foi muito breve, pois o impulso investigativo de uma criança sempre busca descobrir as minúcias daquilo que a encanta, por conta disso, quase sempre o perdemos irremediavelmente, assim acontece com tudo o que tentamos desvendar por inteiro, é como a primeira lição gratuita da vida: só perdemos de fato, aquilo que amamos intensamente.

Junto com o brinquedo Alexandre perdeu também o primeiro amigo e todavia, ganhou de presente esta maliciosa profecia, parafraseando J.M. Barrie em seu Peter Pan, por toda a nossa existência, pedaços de nós serão subtraídos pelo grande crocodilo do tempo, pois, somente no mundo do nunca as crianças jamais envelhecem, tudo permanece igual, é um instante maravilhoso que vivemos mas entrou no esquecimento como se nunca tivesse existido, aqui porém, no mundo real, o tic-tac do relógio é esse monstro à espreita, propenso a qualquer momento arrancar pedaços de nós.

O tempo é como as brigas de rua do passado em que, às vezes, mesmo o menino mais forte e encenqueiro, com o transcurso das horas, até esse valentão percebe-se no chão. Assim, Alexandre parece dizer que nossa infância passa em uma noite enquanto corremos no quintal brincando de esconde-esconde.

Em algum momento ele retorna a sua terra apenas para constatar que o mato havia se apossado de todo o lugar e para seu assombro, concebe que alguma coisa em si já é passado, a ideia de quem tenta reviver a memória é bastante capciosa, pois o mundo em que elas foram gestadas nunca é o mesmo que vivemos, o fato é que ninguém consegue mesmo voltar, somos moléculas das fluidas águas do rio de Heráclito e a todo instante já somos passado, ainda que estejamos sempre em direção ao futuro.

Mas cá do presente, você garota e garoto que hora percorre essas linhas, cuidai de construir suas próprias memórias, guardai-as bem, como papéis guardados em uma garrafa de naufrago e atirada ao oceano tempestuoso da vida de onde poderá resgatar no futuro. Tua infância jamais permitirá que suas memórias sejam sepultadas, elas ficarão guardadas como que a deriva por ti através das idades e a qualquer momento, tu as podes acessar.

Desejo-te através do tempo, uma boa viagem para ti mesmo, boa leitura.

Gabriel Pacheco: professor, escritor e poeta.
Bragança, 15 de janeiro de 2025.

CAPÍTULO I

O videogame

Um das coisas que eu mais gostava de fazer na minha infância era jogar videogame. Lembro bem, quando o relógio marcava 13 horas da tarde, eu saía de casa e combinava com os moleques da Rua 13 de Maio a irmos à locadora de videogame. Essa se localizava há uns 300 metros de onde eu residia. Para chegar lá, descíamos uma longa ladeira, andávamos por uma baixada esburacada e subíamos uma outra ladeira, até atravessarmos a via Nazeazeno Ferreira (rua principal de Bragança), então eis o local de nossa diversão. Meus jogos preferidos eram o *Mortal Kombat*, o *Street Fighter* e as partidas de futebol, principalmente o campeonato brasileiro. O dedo ficava dolorido e a mente não pensava em outra coisa, naqueles instantes. Porém, o mais difícil era conseguir moedas para poder pagar uma ou duas horas a jogar na locadora. Para conseguir, combinávamos assim: cada garoto ficava responsável por pedir 20 centavos para seus pais e assim íamos encabeçando até atingir 2 reais o que poderia nos permitir jogar duas horas, no tempo. Às vezes a gente conseguia atingir a quantia necessária, noutras, não. Havia raros momentos em que conseguíamos ultrapassar os 2 reais. Mas, não

importava, o que de fato nos interessava era jogar o suficiente.

O jogo decorria e as disputas eram acirradas. Às vezes um garoto bom se destacava e ganhava mais partidas, enquanto os outros ficavam na expectativa para sua vez a jogar. Existia também moleques que apegavam-se jogar apenas com uma personagem, por exemplo, no caso do *Mortal Kombat*, jogavam só com o Sub-zero, aquele cara verdinho que atirava bolas de gelo e congelava seus oponentes ou o *Scorpion*, o irmão do Sub-Zero, (responsável por atirar uma cobra pelo centro da mão e puxar o oponente), que Cary-Hiroyuki Tagawa falou no filme “*Mortal Kombat (1995)*”: “são inimigos mortais, mas são escravos do meu poder”. O jogo era tão disputado que quando estava próximo do fim, geralmente pedíamos um tempo a mais para o seu Jânio, o rapaz que trabalhava como atendente do lugar. Ele, na maioria das vezes, nos concedia uns trinta minutos a mais.

Eu passava a tarde jogando com os garotos da Rua 13 de Maio, quando em casa, ouvia de minha mãe severas esculhambações, porém, isto não era o suficiente e noutro dia já estava no game novamente.

CAPÍTULO II

O primeiro carrinho

Ainda lembro do meu primeiro carrinho, era um Jipe, ganhei de minha madrinha. Eu amava aquele brinquedinho, era de cor vermelha e carregava uma pá na carroceria. Pá que eu manuseava para colocar pequenas quantidades de terras na carroceria e saía puxando o pequeno veículo. Em diversas vezes, pedia ao meu amigo imaginário: Socorro Silva, para guardá-lo. Socorro se mostrava dedicado e guardava meu objeto em um pequeno buraco que fiz; rente à parede de minha casa. Eu colocava-o lá todas às vezes que ia à escola. Quando chegava saía-lo puxando pelo quintal poeirento de nossa residência. Socorro me acompanhava, porém quando o carro caía, eu dizia a ele: - Presta atenção, não pateta!

Um dia fomos fazer farinha na casa de Dona Aristides (histórias já narradas por mim em Lembranças da Primeira Infância), e deixei o carro sob os cuidados de meu amigo. Quão ódio sentir, quando cavei o esconderijo e não encontrei meu Jipe.

- Não! Não! Não! Não pode ser, roubaram meu Jipe. Socorro! Seu peste! Você deixou roubar meu Jipe, seu maldito. E corri para o banheiro, e chorei por uns trinta minutos. Fui até o esconderijo e destruir tudo, tal foi

minha decepção com meu amigo. Essa foi, talvez, minha primeira decepção, nunca mais falei com meu velho amigo de infância. Procurei meu carrinho pela vizinhança, perguntei para os vizinhos - que não moravam tão próximos -, e ninguém viu meu brinquedo. Meu carrinho sumiu para sempre, ele foi meu primeiro presente, que desapareceu.

CAPÍTULO III

A Esconde-e-esconde

A brincadeira de esconde-e-esconde, conhecida por nós como pira esconde, era uma de minhas favoritas na infância. Um garoto colocava os braços nos olhos e encostava sua cabeça rente a um muro, contava até 10 e enquanto isso nós iríamos nos esconder. A missão da mãe, como dizíamos, era procurar os filhos, ou seja, os garotos que tinham se escondido. O primeiro menino a ser visto, seria a mãe da próxima rodada. Mas ele poderia não ser a mãe, caso um outro garoto, conseguisse bater no muro sem ter sido apercebido em sua chegada. Ele gritava: “bati! Confere de novo”, isso, ao tocar no muro, exatamente onde a mãe contava. A mãe então tinha que começar uma nova rodada e contar tudo de novo. Entretanto, se a mãe conseguisse avistar aqueles que estavam escondidos e bater no muro, citando o nome de cada um, o primeiro garoto visto seria a próxima mãe. A graça da brincadeira estava justamente em se esconder, por isso ninguém desejava ser mãe. A esconde-e-esconde ocorria geralmente no final do dia e início da noite, quando a escuridão dificultava ser visto pelos matagais da Rua 13 de Maio. As brincadeiras iam até certas horas da noite, chegando muitas vezes até

atingir dez horas, entretanto, o mais frequente era quando o tempo contava nove horas, e voltávamos para casa. Nessa hora, minha mãe me xingava e mandava eu dormir. Às vezes me dava uns tapas nas costas. Não obstante, de nada adiantava, na outra noite eu já estava pronto nas brincadeiras novamente. Era uma diversão fantástica e passou tão rápido, que quando me apercebi, já não mais brincava esconde-e-esconde, já estava grande, não tinha mais como me esconder.

CAPÍTULO IV

O primo, bom de briga!

Ainda lembro o dia em que vi meu primo perder uma briga. Era uma manhã, como qualquer outra, em algum dia de 1995. Estávamos em uma árvore, bem no cimo da planta, comendo mangas amarelas. Quando uns pequenos ruídos no pé da planta, nos chamaram a atenção.

- Descem daí, descem daí seus moleques salientes. Nossos olhares foram de encontros há dois garotos lá embaixo, ambos maiores e fisicamente mais fortes que nós. Descem que queremos falar com vocês! Meu primo e eu continuamos sem dá chances àqueles dois patetas, molengões e branquelos, que pareciam filhinhos de papai. Mas um deles falou o que não devia, olhou para o alto e disse que iria quebrar meu primo “no pau”. Ora, imagine, meu primo que nunca havia perdido uma briga desceu às pressas, estufou o peito e franziu as sobrancelhas, chegou perto do garoto e disse: “então vamos ver se tu és macho mesmo!”.

Uns dois minutos e lá estavam os dois armados, com os punhos cerrados e os dentes fechados. Eu pensei: “meu primo vai matar este moleque”. Um pequeno movimento e o moleque aplicou um soco tão rápido e

certeiro, que meu primo se espatifou ao chão. Eu nunca tinha visto um soco tão ligeiro e uma queda tão desajeitada. Naquele momento, pensei: “ele vai levantar e revidar”. Entretanto, meu primo bom de briga começou a chorar ainda ao chão, colocou às mãos à cabeça e em desespero, gritou:

- Ai minha mãe! Ai minha mãe! Eu olhava aquela situação com muita atenção e via as lágrimas escorrerem pela face gordinha dele.

- E tu, vais ficar parado aí, sem nada a fazer, vem salvar teu primo, disse-me o agressor. Eu não reagir, pois fiquei com receio de apanhar daqueles moleques, mas sentir um ódio profundo e uma grande vontade de me vingar, e matar àqueles pestinhas. Enquanto meu primo ficava ao chão, eu estava próximo dele o observando. Os dois foram embora e um rapaz veio socorrer meu primo. Mas minha vontade de vingança não cessava.

Noutro dia acordei cedo, peguei uma faca e amolei bastante. Passei a mão no fio do instrumento várias vezes e quando o objeto estava bastante afiado, guardei-o. À tarde fui esperar os garotos enquanto estes caminhavam no campo cerrado. Um deles me viu e disse:

- E aí, vai defender o seu primo?

- Vou. Vem aqui! Se és homem de verdade.

Um deles, justamente o menino que bateu em meu primo, saiu em minha direção e eu fiquei à espreita. A faca armada bem certinha e quando ele tivesse a um metro eu aplicaria o primeiro golpe. Ele vinha caminhando como uma caça à armadilha. Felizmente havia outras crianças junto a eles e um dos garotos saiu

em nossa direção e impediu que o tal Nené, como o chamavam, se aproximasse. Mas ele ainda me ameaçou e disse que eu tive sorte, contudo ia me dá uns socos depois.

Mas nada aconteceu, apenas perdemos contato com as duas meninas que gostávamos e que acabaram se relacionando com os garotos que nos agrediram - as causas reais das brigas.

CAPÍTULO V

O goleiro da turminha

Quando eu dormia assistindo ao jogo da seleção brasileira, o pessoal que residia na Vila do Cajueiro, me cutucava: *acorda Taffarel!* Uma alusão ao goleiro da seleção à época. Eu era *lourinho* e, talvez por isso, me chamavam assim.

Parece icônico, mas eu gostava da alcunha. Quando ia jogar futebol em um campo de capim, eu geralmente ficava na posição de goleiro. Me esforçava para representar o personagem ao máximo que dava, atirando-me com todo esmero a buscar a bola. Quando eu fazia uma boa defesa, o pessoal dizia: “mas é o Taffarel”. Porém, quando eu falhava, diziam: “nem parece o Taffarel”. Mas com o tempo passei a não gostar de ser goleiro, e recusar o convite dos outros garotos. Goleiro é uma coisa chata, fica mais tempo olhando o jogo do que participando das jogadas, e quando cometia uma falha, todo o time me culpava. Apesar de gostar do apelido, Taffarel, passei (posteriormente) a jogar na linha, e atuar como zagueiro. Minha vida como jogador de futebol não foi lá muito longa, aos 16 anos deixei de praticar o esporte que tanta amava na infância. Gostava muito desse esporte, e como diz uma frase da música do

Skank “Uma partida de Futebol”, “quem não sonhou em ser um jogador de futebol”, eu sonhei em ser um jogador de futebol, não obstante, eu era perna de pau, restou-me somente escrever histórias e memórias sobre este.

CAPÍTULO VI

A casa do Finado Raul

Ainda lembro como se fosse ontem, mamãe colocava seus 4 filhos a noitinha no quintal de nossa pequena casa de barro e começava a contar histórias de um homem chamado Raul. Eu cheguei a vê-lo algumas vezes, ele morava a uns trezentos metros de nossa residência. Era um homem das águas e do mangue, lugares onde passava mais tempo de sua vida. Um dia soube que encontraram o corpo dele morto entremeio às raízes e lamaçais do manguezal. Estava em estado bastante delicado de putrefação, mesmo assim alguns homens o carregaram até a Vila do Cajueiro e de lá até sua casa. Muita gente falava que Raul tinha sido morto pelo Ataíde, o bicho do mangue; outros, porém, falavam que, na verdade, foi assassinado e, outrossim, havia aqueles que diziam, (ele) ter sofrido algum acidente e morrido.

Independentemente de como Raul partiu, mamãe nos enchia de histórias de que ele aparecia como fantasma naquela casa. Ela nos mostrava algumas luzes que desabrochavam lá e dizia ser ele, o Raul. Ele sempre aparece nessa hora. Eu olhava e via somente algumas claridades, entretanto nada que me despertasse a atenção, exceto quando nosso pequeno vira-lata latia em

desespero nas madrugadas, o que me deixava bastante inquieto e eu demorava demais para dormir. Durante o dia íamos à residência do finado Raul. Não havia nada lá, exceto umas pequenas panelas e colheres, que ele utilizava para fazer seus alimentos. A casa era coberta com palhas de coqueiros, que já começavam a furar devido aos efeitos da chuva, do sol e do vento.

CAPÍTULO VII

Falcão e sua espingarda

À beira da estrada que conduzia o pessoal para Bragança, uma via de chão batido, morava um homem chamado Falcão. Eu, quase sempre que o via, notava-o montado em seu bonito cavalo branco. Utilizava um formoso chapéu de couro, como aqueles cowboys americanos, e em sua cintura brilhava o cabo de uma faca bem afiada, conhecida pelos populares da região como peixeira. Ele tinha umas cabeças de gado, o que o avultava como homem de muito respeito nas redondezas.

Um dia fui junto a meu pai assistir uma partida de futebol em um bonito campo na Vila do Maçarico, e ele (o Falcão) estava lá. Durante o intervalo do jogo, Falcão foi até umas das equipes e começou a cobrar empenho dos jogadores. Um dos atletas não gostou muito da ideia e começou a discutir com o homem do cavalo branco. Eu olhava aquilo de longe e não conseguia entender o que de fato estava ocorrendo. Depois de alguns minutos de bate-boca, o jogador acertou um tapa no rosto de Falcão, que foi para cima do dito, mas, ao invés de revidar, Falcão levou socos e foi recuando até o meio do gramado. O povo que acompanhava, cerca de 500 pessoas, viajava a situação. Falcão tentava acertar o oponente, mas levava socos, tapas

e pontapés constantemente. Até que, surpreendentemente, ele saiu correndo em direção a seu cavalo. Pulou ao animal, bateu as pernas e foi embora.

- Corre covarde! Machão frouxo! Gritavam algumas pessoas. Porém, no meio da multidão, uma voz alertou.

- Ele foi buscar a arma. Esse homem tem armas.

Ninguém ligou para àquela voz.

Meu pai disse: “Ele tem arma, tem uma espingarda potente, daqui a pouco ele volta armado aí”.

Depois de 10 minutos, quando o jogo tinha reiniciado.

Uma voz brandiu:

- Lá vem o homem armado.

Todos que assistiam a partida correram para ver. Eu olhei e o vi de longe cavalgando seu belo cavalo branco, com uma espingarda em punho. O povo correu desesperado, alguns cidadãos, entretanto, ficaram. Eu me afastei um pouco para uma pequena taverna que vendia cachaça ao pessoal.

Todos os jogadores que estavam em campo, correram.

- Voltem aqui seus cabras safados. Vou acabar com a raça de vocês, dizia Falcão, com seu cavalo em direção aos fujões. Olhei e vi o cara que bateu no Falcão, correndo em tão desespero, que somente um leão o alcançaria. O cavalo conduzindo o homem corria atrás e ainda era possível ouvir o barulho das pegadas do *equus* e a poeira rangendo fumaças para todos os lados. Falcão ainda deu três tiros para frente, mas por sorte não acertou nenhum. O jogo acabou assim e não lembro mais nada dessa história.

CAPÍTULO VIII

A Gangue do Silas

Na escola onde estudávamos, na Vila do Cajueiro, havia um moleque, maior e mais forte que todos os outros moleques, de nome Silas. O menino era saliente e sempre mexia comigo e meus coleguinhas. Quando me via pelos corredores da Escola, me dava beliscões e me empurrava contra as paredes. Meu primo, Admilson, o garoto personagem em outro capítulo deste livro, vez ou outra, trocava uns socos com Silas. Admilson não tremia para o tal, mas Silas tinha um bando de garotos, que seguiam suas ordens. Todas as vezes que Silas se sentia desafiado por nós, ele costumava sair mais cedo da escola e nos aguardar em um ponto específico da estrada que retornávamos a nossos lares. Ele e seu bando, nos esperavam no caminho, armados com baladeiras e pequenos pedaços de pedras. Quando escondidos nos matagais à borda da via. Eles dizem:

- Somente as meninas podem passar, os moleques, se passarem, a gente mete o cacete e enche de balada.

Tínhamos, mediante aquele desafio, duas opções: a primeira, era passar correndo em desespero, mesmo com risco de receber baladas e pedradas e, conseqüentemente, ficar feridos. Coisas que fizemos

alguns vezes. Quando isso acontecia, quase sempre dava errado, pois às vezes uma pedra acertava alguém, que ficava ferido. Um dia um de nossos colegas, chamado Edson caiu e a gangue foi para cima dele, cerca de 6 moleques começaram a dar-lhe socos e pontapés. Vamos ajudar ele, vamos! Gritou Leo. Ao presenciar aquilo, joguei meu caderno ao chão, peguei um pedaço de pau e corri em direção aos agressores. Todos os meus colegas fizeram o mesmo, eram 6 contra 6. Silas não estava entre eles. A gente foi para cima dos moleques que, ao nos ver, saíram correndo. Edson foi resgatado, todavia, do meio do mato começou a sair baladas de estilingues e pedradas, o restante da gangue estava de tocaia. Nesse dia umas pedras raspam meu corpo magricela, mas por sorte nenhuma me acertou.

2º Opção:

Outra opção era, o que fizemos algumas vezes, seguir outra rota, mesmo sendo ela mais cansativa e demorada. Em algumas ocasiões mamãe perguntava porque demorávamos tantos, eu respondia que a gente vinha “andando divagar”.

Mas um dia tudo isso acabou, minha prima, a Rosilene, soube que Silas nos cercava na estrada e resolveu acertar as contas com ele. Lembro que nesse dia Silas estava na frente da estrada, em uma pequena subida, onde ele sempre nos esperava. Já estava com a baladeira em mãos. De repente, eis minha prima, era uma adolescente bastante brava. Ela vinha segurando um cinturão com uma fivela bastante brilhosa. Lembro de vê-la pegar Silas pelo braço e falar:

- Então é tu que andas batendo no meu irmão. Ela começou a dar cinturadas no Silas, que gritava bastante. Deu umas 20 cintadas nele, e a gente atônico, vendo tudo aquilo. A gangue saiu em desespero e Silas, ao escapar dos braços de minha prima, sumiu no meio do mato.

- Vamos crianças, esses moleques nunca mais irão bater em vocês. E, de fato, Silas deixou de nos esperar no meio da estrada.

CAPÍTULO IX

O Quintal de Casa

Lembro que nossa casa na Vila do Cajueiro tinha um grande quintal. Mamãe plantava muitas frutas e eu adorava subir nas árvores, e ficar minutos, lá encima, comendo frutas como: jambo, manga e caju. Está última frutinha emitia um líquido capaz de manchar nossas roupas.

- Desce daí menino se não tua roupa vai manchar.

Mas eu não ligava e passava um bom tempo comendo caju.

Tínhamos também um belo pé de murici. Umas de minhas frutas preferidas. O pé de murici é baixo e seus galhos bastantes fracos, fáceis de quebrar. Um dia, estava junto aos primos e a também com minhas irmãs. Subíamos e estávamos lá encima saboreando murucis, quando o pé da fruta arrebentou e todos nós rumamos ao chão. Por sorte ninguém se machucou, apenas mamãe que ficou brava, porque quebramos sua planta.

O quintal também tinha outras frutas como: melancias, azeitonas, maracujás e limões. Além da formosa pimenta, que arde e dar um sabor diferente para a comida. Eu gostava de comer pimenta, mas não superava meus primos. Às vezes eles me desafiavam:

- Vamos ver quem come mais pimentas?

Um dizia: “só vale se for malaguetas”.

Então começávamos. Bastava eu comer três pimentas e as lágrimas começavam a descer.

- Vai perder Aleixo, vai perder. Dizia meu primo Admilson, que comia 5 malaguetas e nenhuma lágrima sequer derramava. Ninguém ganhava dele.

Pimenta só era gostosa com limão, sem isto, arde e parece não ter nenhum sabor.

O quintal de minha infância me dar muitas saudades, até hoje. Depois de adulto, fui visitar meu lugar de infância e não vi nada, apenas um matagal. Parei e fiquei olhando para aquele local vazio, ora o que vivi ali só existe em minhas lembranças - *de quando eu era menino.*

CAPÍTULO X

A brincadeira de cano

Em Bragança, umas de minhas brincadeiras preferidas, era o Cano. Ela consistia no seguinte: cortávamos um pedaço de cano usado para escorrer água. Geralmente, utilizávamos de dois a três canos. Amarrávamos um paralelo ao outro. Após isso, pegávamos umas folhas de papel e afinávamos em formato de cone, o suficiente a elas entrarem e saírem com facilidade dentro dos canos. Nas pontas das folhas nós colocávamos cola, de modo a ficar bastante pontiagudas a atingir o alvo. Colocávamos àquelas folhas em forma de cone dentro do cano e assoprávamos em direção ao colega, quanto mais força colocássemos, mais velocidade elas atingiam.

Pois bem, a brincadeira decorria da maneira seguinte: formávamos duas equipes, uma era a polícia e a outra, o ladrão. A polícia, lógico, tinha que ir em busca dos ladrões, que geralmente se escondiam nos pequenos matagais que circundavam a Rua 13 de maio, e eu já contei histórias sobre ela (a Rua) em outro livro. A polícia tinha que ser astuta e atingir o ladrão e este, por sua vez, buscava atingir a polícia. Nas trocas de disparos de ambos os lados, aquele que fosse atingido ia para o cemitério, ou seja, ficava em local parado. Qualquer um

poderia ganhar, seja a polícia, seja o ladrão. Ganhava aquela equipe que conseguisse “matar” mais integrantes da outra. Os garotos levavam tão a sério esta brincadeira, que uns meninos simplesmente amarravam uns 10 canos e disparavam vários “tiros” a fim de atingir o oponente. Eu geralmente só amarrava três canos.

Entretanto, essa era uma brincadeira bastante perigosa, pois, caso a arminha de papel, ao ser assoprada, atingisse os olhos de alguém, essa poderia segá-lo, razão pela qual muitos garotos usavam óculos na brincadeira.

Um dia, estávamos brincando, eu já havia sido “morto” e estava no cemitério. Dois garotos, um bem mais velho e forte e o outro mais jovem e raquítico, trocavam tiros e a “bala” atingiu o olho do mais jovem. O menino saiu da brincadeira, com as mãos nos olhos. Sua mãe o pegou e lhe agrediu. Não cuidou dele e o mesmo acabou por ficar cego de um dos olhos, o é até os dias de hoje.

CAPÍTULO XI

A primeira televisão preto e branco

Assistir televisão na década de 1990, para quem era pobre, apresentava-se como uma novidade. Não era incomum a gente ficar horas nas janelas das casas das pessoas que tinham essa relíquia, tentando espiar uma partida de futebol, no tempo que dava gosto em ver a seleção brasileira jogar, por exemplo. Até meus 8 anos de idade, não tínhamos televisão em casa, porém, em 1997, papai comprou a nossa primeira televisão. Bom, era um aparelho que deveria ter uns vinte centímetros de largura por uns trinta de comprimento. Era um misto de televisão e rádio, pois ao ser desligado o televisor, era possível ouvir músicas e programas radiofônicos.

Foi nessa televisão que comecei assistir os primeiros desenhos animados, as primeiras novelas; os telejornais e as partidas de futebol. Lembro que um dia assisti um rapazinho de chapéu, fingindo ser criança. Eu ri bastante e perguntei quem era ele: “É o Chaves”, respondeu mamãe. Esse programa é muito velho, quando eu era juvenzinha, ele já passava. Achei a resposta estranha, pois aquilo tudo era uma novidade para mim. Aquela pequena TV perdurou por uns dois anos conosco, quando papai a trocou por outra, uma colorida. Na

faculdade aprendi que os teóricos da Escola de Frankfurt chamavam aquele aparelho de cultura de massa, o que para mim era uma boa distração, uma vez que até meus 10 anos, mamãe me proibia de sair e brincar com as outras crianças, na rua.

CAPÍTULO XII

Os desenhos animados

Os desenhos animaram bastante minha meninice, adorava assisti-los diariamente. Lembro bem, de um chamado o “Fantástico Mundo de Bob”, este um garoto cabeçudo, que circulava em sua bicicleta, fazia peraltices com sua família em suas andanças e sempre imaginava histórias mirabolantes fora de sua realidade. O Mega Men, o Fly, Os Cavaleiros dos Zodíacos, o Street Fighter, o X Men, são exemplos de desenhos que eu adorava assistir na minha infância. Ah, sim, sem esquecer o Dragon Ball Z, o desenho que conta a história dos Saiyajin, que tiveram seu planeta destruído por um vilão chamado Frizzar. Dois destes estavam na terra, entre eles Goku, o Super Saiyajin que estava para proteger o planeta água. Goku é super forte, porém, é um bom ser humano, casou e constituiu família. Por vezes, ele e seus amigos são mortos, mas são ressuscitados pela esfera do dragão.

O Street Fighter também era um dos meus desenhos favoritos, contava a história e as aventuras de dois amigos, Ken Masters & Ryu, suas aventuras e lutas contra um inimigo poderoso de nome Bison. O X Men também

era muito bom, contava as histórias dos mutantes e as lutas para proteger a humanidade dos mutantes inimigos. Os desenhos Pica Pau e Pernalonga também eram bastante divertidos. Havia um bastante interessante, os Ursinhos Carinhosos, além dos Bananas de Pijamas, o Timão e Pumba, a Turma do Pateta e o Pato Donald, outrossim eram desenhos que eu gostava bastante.

Os desenhos passavam geralmente pela parte da manhã e eu saía apressadamente da escola para assistir. Chegava, jogava o caderno e as canetas de lado e começava assistir. Quando necessário até expulsava minhas irmãs da frente da TV para assisti-os. Os desenhos animados animaram bastante minha infância, quando não estava nas ruas, o assistia em casa, isto após conseguirmos comprar nossa primeira televisão preto e branco.

CAPÍTULO XIII

O ataque às torres gêmeas

Ainda lembro o 11 de setembro de 2001, estava assistindo um desenho, não lembro se era o Dragon Ball, o X Men ou outro, quando o plantão da Globo anunciou que as Torres Gêmeas estavam sendo atacadas. Era uma grande novidade um ataque ao país mais poderoso do mundo, acostumado a violentar os territórios alheios. A TV cobria aquilo com bastante preocupação e dramaticidade, e já anunciava a possibilidade de um acidente aéreo. Enquanto o jornalista falava, eu vi o segundo avião se chocar e comuniquei à minha irmã: “Bateu outro avião, olha aí!”. Depois de um tempo o jornalista anunciou: “parece que ocorreu um ataque a outra torre, nesse exato momento”. O ataque ocorreu e minutos depois, eu assistir as torres começar a desabar, uma após a outra. Não tinha ideia de como aquilo iria afetar e impactar a imagem do século XXI. Era o início do século e os sinais já indicavam que os tempos seriam de muitos conflitos. Ninguém imaginava que os EUA seriam atacados bem no seu coração e que seu povo seria vitimado e assombrado com aquilo que a imprensa ocidental chamava de terrorismo.

O dia todo foi aquilo, e todos os telejornais não falavam de outra coisa. Eu fiquei esperando o desenho, inobstante tudo foi cortado naquele instante e não se falou em mais nada. Dias depois os EUA começou a caçar um tal Bin Laden, um tiozinho barbudo e magricela, que parecia um mendigo brasileiro. A caça demorou anos e até que a imprensa anunciou a morte do chefe da organização que arquitetou o ataque.

CAPÍTULO XIV

Os banhos no rio Caeté

O rio Caeté, que banha Bragança, e desemboca no Oceano Atlântico, lugar de saída dos pescadores em busca do alimento e entrada da economia que sustenta o povo bragantino e de outras redondezas. Mas, no cais, nós brincávamos bastante, e tomávamos banhos constantemente em meio àquelas águas poluídas. O rio era fundo e perigoso, principalmente devido à grande velocidade que as águas alcançavam quando a maré estava enchendo. Aquilo tudo, para nós, era uma grande diversão e diversos moleques da Rua 13 de Maio adoravam se atirar de cima da ponte em direção ao chão. Eu fazia isso também, em muitas ocasiões me banhava naquele rio. Contudo, um dia me atirei lá de cima, com o objetivo de alcançar um outro garoto que saltou na minha frente. Quando cair dentro da água, sentir um impacto na minha canela. Quando passei a mão, senti um pedaço de carne exposta. Quando sair da água, havia um buraco de uns 8 centímetros na minha perna, e era possível ver o osso de minha canela, branquinho. Um dos garotos que estavam comigo saiu em correria, e os outros dois me acompanharam até um local em busca de carona para levar ao hospital. Um rapaz de alcunha

Bill me conduziu ao hospital. Ao chegar lá, costuraram minha perna e fiquei internado durante 7 dias. Essa foi a única vez que fiquei internado em hospital público durante todo a minha infância.

Lá tive contatos com a fé, todas as manhãs vinha um bispo nos acariciar e falar de Jesus Cristo e de que deveríamos acreditar e obter a salvação. Ele chegou até mim e perguntou se eu já havia feito a primeira comunhão, eu disse não. “Meu filho, nunca é tarde, quando você sair daqui, fará a primeira comunhão, vai poder comungar do corpo de nosso Senhor”. Aquele senhor me convenceu de que eu tinha salvação ainda, se me tornasse um bom católico. Assim, quando ocorria a missa, eu subia ao próximo andar para assistir e rezar pela minha cura e pela cura de todos as pessoas daquele hospital.

Depois de uns 3 dias, passei a sair e caminhar pelo jardim, pensar sobre a vida e sobre meus atos. Eu tinha 12 anos, mas já pensava em que eu seria no futuro e que não poderia me comportar daquela maneira. Um dia estava no jardim do hospital, sentado próximo a uma gruta. Aproximou-se de mim um garoto, um pouco mais velho, parecia ter uns 16 anos e disse:

- Aquele padre é muito enjoado, sabe eu não acredito nesse negócio, para mim, após a morte tudo desaparece, tudo vira pó. Eu não acredito nesse negócio de salvação e nem de vida eterna. Achei bastante firme as colocações daquele garoto, jovem, mas com bastante personalidade para pensar diferente.

O perguntei qual o sentido da vida?! E ele disse:

- Não sei, mas deve haver algum sentido, talvez seja só coisa da natureza.

O garoto dizia que não havia o menor sentido em ficar rezando, e que isso nada revolveria. Aquele garoto foi meu breve amigo no hospital e a gente caminhava bastante pelo jardim. Não sei por qual motivo ele estava naquele lugar. Porém, estava magro e um pouco careca, talvez portasse alguma doença mais grave e estava sem expectativa de cura. Quando eu sair, ele me deu um abraço e se despediu: “fique bem”. O desejei o mesmo e ele ficou lá, não sei até quando.

Voltei para casa e deixei de brincar na rua por uns meses. Corria o boato de que eu havia sofrido uma grave fratura. Mas depois expliquei que foi somente a pele que ficou exposta. Nunca mais pulei no rio Caeté, após aquele dia.

CAPÍTULO XV

A pedrada no Leleu

Em 2000, estava eu jogando bola com os amigos de infância em um campinho de terra batido conhecido por Campo do Barbeiro, no Bairro Riozinho, na cidade de Bragança, Nordeste do Estado do Pará. A brincadeira estava tranquila e todos os garotos estavam bastante sujos, em decorrência da poeira do chão batido.

Depois de um tempo, eis que apareceu um garoto conhecido por todos pela alcunha de Leleu. Ele aparentava ser um pouco mais velho que nós, pois deveria ter uns 14 anos, enquanto que, toda a garotada não passava dos 13. Era pardo, tinha os braços largos, o peitoral robusto, as penas finas, os cabelos lisos e cortadinhos nos lados, que o pessoal denominava: “corte sorvete”.

- Ixi! Lá vem aquele saliente do Leleu. Ouvir de um dos seis moleques presentes.

Leleu se aproximou, pegou nossa bola, chutou para cima umas cinco vezes. Ninguém falou nada. Eu, mediante isso, me posicionei.

- Dar nossa bola!

Ele olhou-me, deu um sorriso irônico e atirou a bola à minha cara.

- Toma!

Eu virei a face para o lado, com os olhos quase lagrimejando. Suportei o choro e a raiva.

Fui saindo lentamente do campo. E Leleu ficou lá, encrencando com os outros garotos.

Estando há uns 100 metros do campo. Peguei uma pedrinha e saquei com toda a minha força na direção do Leleu. Por um instante, cheguei a pensar: “todo o meu esforço foi em vão”. Mas, a natureza tratou de ajustar o objeto, e a pedra colidiu certinha com a testa do moleque: - Pooooook.

Eu não olhei para trás. Em menos de cinco minutos estava em casa.

Entretanto, dias depois Leleu me pegou na rua e me deu um chute na cabeça.

- Toma isso.

Eu fiquei lagrimejando.

CAPÍTULO XVI

Não era mais menino

Um dia percebi que “não era mais menino”. Foi algo estranho. Um momento meditei “não tenho mais desejos de brincar como antes”. Deixei de ser menino e me tornei rapaz. Aqueles pequenos matos que me escondiam, não me causavam doravante sensações de querer está ali, não cabia mais naqueles cantos. Mas a vida de menino nunca saiu de minhas retinas, de minhas lembranças. Quando eu era menino, não me preocupava com moralidades, empregos, amores, festas, fofocas e doenças, eu só desejava viver e correr, correr pelos caminhos. Não sabia o preço das coisas materiais e dos afetos. O que me interessava era brincar e foi o que fiz na minha infância, um momento bom (apesar das dificuldades), que hoje escrevo sobre.

Sobre o autor

Alexandre de Brito Alves é ficcionista, professor e cientista social. Pela Pedro & João Editores é autor dos seguintes livros: “Argila Cinza”; “A Vida é Dura”; “Reminiscências da Rua 13 de Maio”; “Lembranças da Primeira Infância”; “Estrada Bragança-Ajuruteua: desenvolvimento e progresso (1975-1984)”; “Pós-colonialismo: por uma nova epistemologia das ciências do sul”; “Estrada Bragança-Ajuruteua e sobrevivência no manguezal (1975-1991)”; “O Sol da Manhã” e “O Vírus dos diabos: relato pessoal sobre os efeitos sociais da pandemia - covid-19”. Atualmente é professor da Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC) e da Rede Pública Municipal de Ipixuna do Pará (PA).



Quando eu era menino é um livro de memórias que recorta um pouco da infância do autor. De alguma maneira este pequeno livro é continuidade ou descontinuidade de outros dois livros escritos sobre o mesmo período, quais sejam: “Reminiscências da Rua 13 de maio” e “Lembranças da Primeira Infância”. Que você, ilustre leitor, possa mergulhar nas páginas das interessantes histórias e memórias de uma infância marcada por brincadeiras e peraltices.

Bragança, 28 de dezembro de 2024.
Alexandre Alves

